

## HERMES, Hoje

Há 12 anos, diariamente, trabalho como psicóloga junto à rede do SUS. Tenho tido a oportunidade nestas jornadas de acompanhar diferentes histórias de vida, todas com sofrimento psíquico que ultrapassaram o limite do solucionável no âmbito da vida comum. Diferente da clínica privada, neste local trabalho especificamente com adolescentes, sua grande maioria pertencentes a famílias de nível sócio cultural desfavorecido. A estruturação destas famílias não corresponde ao modelo convencional patriarcal. Na sua maioria são famílias com muitos filhos, onde as mães já viveram várias uniões maritais e, portanto, a prole é de diferentes pais. Esta situação também nos remete a outra peculiaridade, em que alguns irmãos recebem pensão alimentícia e conhecem seus pais, tendo a presença deles em suas vidas enquanto outros não. Os padrastos, que na maioria das vezes não fazem vínculo afetivo com a prole da mulher, trazem para dentro da vida dos adolescentes diversidades que também comporão suas possibilidades ou conflitos. A presença da mãe na maioria dos casos é constante, mas esta se encontra mais envolvida com o sustento da prole, acumulando atribuições e sacrificando muitas vezes o papel materno. Embora este panorama nos permita uma visão ampla desta população, entendo que cada adolescente que ai chega tem sua singularidade, e a forma como se reconhece frente às possibilidades e desafio da vida é de essencial importância para o trabalho terapêutico a ser desenvolvido.

A adolescência é uma fase de transição da vida, em que o sujeito se vê frente a novas demandas biológicas, psíquicas e culturais, que lhe exigem desprender-se de modelos anteriores. Esta mudança é necessária sob a pena do indivíduo ficar estagnado. O adolescente é levado então a trilhar caminhos desconhecidos, que podem ser estimulantes ou desorganizadores. Estamos falando de uma passagem, de uma transição da infância para a vida adulta. Não há como não associar Hermes, tanto a esta etapa da vida quanto ao modelo de família descrito acima. Entendo que a psicoterapia com adolescentes ou a simples comunicação com estes jovens deve respeitar um padrão hermético.

Rafael López-Pedraza em seu livro *Hermes e seus filhos*, diz que a psicoterapia , não só a de adolescentes, é uma tentativa de tornar a vida tão psíquica quanto pudermos, de manter, portanto, a psique em movimento. Estamos aqui trazendo Hermes para falar da adolescência e o trabalho analítico com adolescentes. Lembro ainda que o objetivo de uma psicologia baseada em

arquétipos é olhar através da situação para incentivar o movimento psíquico, ativando o que foi paralisado pela história de vida. Hermes é o deus das sandalias aladas, dos vínculos, dos caminhos.

Hermes na mitologia grega, Mercúrio na mitologia romana, tem diversos atributos, e dentre eles é o mensageiro dos deuses, pois tem a capacidade de deslocar-se e estabelecer vínculos com muita rapidez. Também é o mestre da persuasão, é astuto, gatuno, guia de almas, instrutor de Asclépio, e o companheiro interior do terapeuta. É o deus que pode propiciar que a psicoterapia se torne um trabalho psíquico criativo.

Hermes logo que nasce, conta a que veio. Com extrema agilidade desvencilia-se das faixas que o envolviam, e numa só noite viaja, furta o rebanho de Admeto cuidado por Apolo, passeia nos campos com este mesmo rebanho tendo o cuidado para que o rastro de sua passagem não o denuncie. Mais tarde quando volta ao salgueiro no qual havia sido deixado logo que nasceu, envolve-se novamente nas faixas encobrendo suas façanhas. Nega inclusive para Zeus, seu pai, que tivesse roubado Apolo, lembrando sua condição de neo-nato como prova de impedimento para tal. Hermes vai além de seus limites, ou pelo menos aqueles que lhe foram concedidos naquele momento.

Segundo estudos do classicismo grego, é representado por uma pilha de pedras, que tem como função marcar os caminhos, os limites entre aldeias, cidades e regiões, para fixar os perímetros e as fronteiras. Estas pilhas de pedras também foram os altares primitivos consagrados a Hermes. Senhor das estradas, aquelas que nos permitem transitar pelo mundo. É o deus que marca os limites e pode transpô-los. Segundo Rafael Lopes-Pedraza, também demarca nossos trajetos e limites psicológicos, assinala o perímetro de nossas fronteiras psíquicas e estabelece o território a partir do qual, em nossa psique, tem início o desconhecido.

Voltando ao mito, mesmo envolvido com a longa noite de pastoreio, Hermes sacrificou duas novilhas aos deuses, dividiu-as em doze partes, e nesta hora colocava-se entre eles, pois os deuses do Olimpo eram onze. Esconde parte do rebanho em uma caverna. Em sua entrada ao encontrar uma tartaruga, com sua carapaça e as tripas das novilhas sacrificadas, cria a lira, a primeira lira que conforme nos diz Chico Buarque, animou todos os sons.

Mais tarde, encanta Apolo com o som da lira, que lhe propõe a troca justa pelo rebanho furtado. Justa entendo, porque a energia psíquica movimentada pelo som da lira foi tamanha que valia um rebanho.

Hermes coloca nesta relação um novo valor e o rebanho não precisa mais ser devolvido. Mostra um novo caminho, uma nova possibilidade, uma outra saída para a solução do conflito.

A proposta desta fala é pensar Hermes, o deus vinculador, o negociador, mediador, astuto e ardiloso, o amigo e protetor dos comerciantes e dos ladroes. Qual seu lugar hoje, neste mundo tão atribulado em que assim como na adolescência, todos somos chamados a repensar constantemente sobre valores, mudanças, alternativas, enfim, colocados frente a novos caminhos. É a era da informática, da tecnologia, onde barreiras de espaço e tempo são transpostas pelos meios de comunicação, permitindo que milhares de pessoas e realidades passem por nossas casas diariamente, misturando-se em nossa intimidade e leva-nos a outros reinos. A comunicação no terceiro milênio, da ideia do amor líquido, da sexualidade barata, do amor por acaso, e buracos de minhoca parece estar na carona das sandálias aladas. Todos estes conceitos remetem-nos a Hermes. Porém penso que diferente de Hermes, esta cultura não faz o sacrifício necessário, conforme o mito nos ensina. Hermes não é mais reconhecido nas encruzilhadas da vida.

Rafael Lopes-Pedraza, nos diz que o atendimento clínico depende do encontro entre duas psiques, que é propiciado por Hermes, por meio dos quais pode ocorrer o resgate do equilíbrio psicodinâmico. Hermes é o vinculador, o deus que conecta o sujeito com sua natureza mais interna. É a partir deste vínculo que se pode manter uma relação dinâmica de escolha interna com atitudes, e manter uma vida saudável integrando o que está dentro e o que está fora. Coloca que a sobrevivência exige que vivamos vidas como se estivéssemos em constante psicoterapia, conferindo prioridade à psique, permitindo diferenciar entre o que é psíquico e o que não é, e deixando-a viver os sentimentos, sensações e emoções que a alimenta.

Observo que na vida, os desafios se apresentam para cada um de uma maneira diferente, ou são reconhecidos e atendidos de acordo com seu potencial, e singularidade. Onde cada um é tocado pelo mito que faz sentido em seu desenvolvimento. No entanto a capacidade de manter a vinculação com a alma é

condição básica para uma vida psíquica saudável, e o mito de Hermes nos mostra caminhos.

Susane Maria Curra

Porto Alegre, 20 de junho de 2013.